

# Crise ainda não chegou aos despedimentos coletivos

A inflação e a guerra já pesam nas contas das empresas, mas o número de trabalhadores a despedir ou despedidos, no âmbito de processos de despedimento coletivo, caiu, até abril. Escassez de mão-de-obra ajuda a explicar.

ISABEL PATRÍCIO  
ipatricio@jornaleconomico.pt

Apesar do impacto da inflação e da guerra nas contas das empresas portuguesas, o número de trabalhadores abrangidos por despedimentos coletivos diminuiu, nos primeiros quatro meses do ano. Isto tanto em comparação com o mesmo período de 2021, como face aos primeiros quatro meses de 2019. Esta evolução pode ser explicada, pelo menos, em parte, indicam os economistas ouvidos pelo Jornal Económico, pela escassez de mão-de-obra, já que, uma vez que têm tido dificuldades em preencher as ofertas, os empregadores antecipam que substituir, mais tarde, os trabalhadores que dispensem agora seria uma tarefa complicada.

Entre janeiro e abril de 2022, foram comunicados 95 processos de despedimento coletivo, menos 57 do que foi registado no período homólogo de 2021. Os dados divulgados pela Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT) dão conta, além disso, de que, entre os processos verificados até ao final do quarto mês do ano, a maioria dizia respeito a micro e pequenas empresas (36 e 39, respetivamente), que estão localizadas sobretudo em Lisboa e Vale do Tejo (56) e no Porto (25).

Por outro lado, até ao final de abril, havia 1.161 trabalhadores a despedir e 1.120 trabalhadores despedidos. Em comparação, nos primeiros quatro meses de 2021, havia 1.525 trabalhadores nessa primeira situação e 1.404 na segunda. Mais, entre janeiro e abril de 2019 (ou seja, no período comparativo pré-pandemia), havia 1.581 trabalhadores a despedir e 1.456 trabalhadores despedidos. Ou seja, o número de trabalhadores abrangidos por despedimentos coletivos caiu, no início de 2022, tanto na comparação com 2021 como face a 2019, apesar da atual escalada dos preços e do impacto da guerra na Ucrânia.

Pedro Braz Teixeira, diretor do gabinete de estudos do Fórum para a Competitividade, começa para a Competitividade, começa para defender que este último indicador (os trabalhadores abrangidos) é o mais relevante para analisar a evolução dos despedimentos coletivos (ao invés dos processos comunicados), salientando, de seguida, que os números registados



Pedro Nunes/Reuters

nos primeiros meses de 2022 “são favoráveis” face a 2019. “É preciso lembrar que o desemprego é um indicador atrasado em relação à evolução da economia”, realça, ainda assim, o economista, detalhando, pois, que não seria de esperar que a inflação e a guerra tivessem um impacto imediato nos despedimentos.

A acrescentar a esta explicação, há a escassez de mão-de-obra. “As empresas não vão a correr despe-

**Número de trabalhadores abrangidos por despedimentos coletivos decresceu até abril, apesar da crise. Valores estão mesmo abaixo dos níveis pré-pandemia**

dir. Antes, vão tentando gerir as suas condições, até porque têm sentido dificuldades em arranjar trabalhadores”, enfatiza Pedro Braz Teixeira. Por outras palavras, uma vez que, na retoma pós pandemia, tem sido complicado encontrar trabalhadores para preencher as ofertas, os empregadores tendem agora a ser mais prudentes na redução da força de trabalho, já que adivinham que encontrar candidatos para essas posições mais

tarde (por exemplo, quando houver um alívio nos efeitos da guerra) não será tarefa fácil. “É importante chamar a atenção para o risco que existe sobre a economia”, reconhece o economista do Fórum para a Competitividade, destacando, contudo, que tal ainda não está refletido nos números dos despedimentos coletivos.

Também José Reis, professor da Universidade de Coimbra e coordenador do Observatório sobre Crises e Alternativas, sublinha que a repercussão da crise não está a ser “tão rápida e evidente como noutras circunstâncias”, nos despedimentos coletivos, e frisa que a inflação ainda não terá resultado “numa redução muito significativa da procura”, daí a capacidade das empresas manterem os postos de trabalho. O economista afirma, além disso, que Portugal tem um “modelo de especialização produtiva muito assente no trabalho”, o que também ajuda a explicar a resiliência dos empregos, especialmente num momento em que escasseia a mão-de-obra. Ainda assim, José Reis alerta que os dados de despedimentos coletivos não pintam o retrato completo do mercado de trabalho, já que há milhares de trabalhadores precários e trabalhadores a recibos verdes, cuja perda de emprego não entra para estas estatísticas.

## Pandemia fez disparar despedimentos coletivos

Em contraste com o que está hoje a acontecer com o impacto da guerra e da inflação, a crise pandémica fez disparar os despedimentos coletivos. Os dados disponibilizados pela DGERT indicam que, entre janeiro e março de 2020, foram comunicados 118 processos, mais 47 do que no mesmo período de 2019. Este cenário viria a agravar-se no trimestre seguinte, tendo o total de processos comunicados ultrapassado, então, a fasquia das duas centenas, apesar das medidas extraordinárias colocadas no terreno pelo Governo, como o *layoff* simplificado.

Quanto aos trabalhadores abrangidos por estes processos, note-se, a título de exemplo, que entre abril e junho do primeiro ano da pandemia, havia 2.359 trabalhadores a despedir e 2.196 trabalhadores efetivamente despedidos. Desde então, esse número tem vindo a diminuir, ainda que com algumas interrupções. ■



# O Jornal Económico

**Diretor** Filipe Alves | **Subdiretores** André Cabrita-Mendes, Lígia Simões, Nuno Vinha e Ricardo Santos Ferreira | **Diretor de Arte** Mário Malhão | **Preço** €3,50 (continente) | Semanário, sai às sextas-feiras

## Fisco aperta cerco a manifestações de fortuna

Plano de Atividades da Inspeção Tributária prevê também ver à lupa esquemas de planeamento fiscal abusivo e reforçar o controlo dos benefícios fiscais. ■ P3

## Fortress, EOS Group e LX Partners estão na corrida ao malparado do BPI

Propostas vinculativas entregues pela carteira "Citron", do BPI. ■ Exigências do Fundo de Resolução atrasam venda da carteira Harvey pelo Novobanco. ■ P20

### TRABALHO

Escassez de mão-de-obra trava despedimentos coletivos, apesar do aumento de custos ■ P8

### MERCADOS

'Bear market' veio para ficar até haver clareza sobre juros ■ P26



PROTAGONISTA

**“Mercado de capitais vai ajustar à realidade nos próximos meses”**

Em entrevista ao JE, o fundador da Farfetch e presidente da fundação com o seu nome, José Neves fala da queda das bolsas e alerta que tem de haver uma mudança em Portugal na forma como as empresas e as famílias investem, poupam e gastam o seu dinheiro. ■ P4

### CDS-PP MADEIRA

Rui Barreto é reconduzido na liderança e propõe coligação com PSD nas regionais ■ P12

Fundação José Neves

### ET CETERA



**“A Democracia tem de mostrar que também ‘pode morder’”**

Sviatlana Tsikhanouskaya  
Líder da oposição na Bielorrússia

### IMIGRAÇÃO

Empresários elogiam facilitação de vistos, mas pedem celeridade ■ P6

### PLANO ESTRATÉGICO

Incus capital em negociações para gerir imobiliário do Grupo CTT ■ P24

### COM O JE DESTA SEMANA

Leia o “Boletim Fiscal” e os Especiais “Escolas de Direito” e “Futuro do Trabalho” ■ Suplementos

PUB

### BARÓMETRO EY



Página 31

PUB



PUB



PUB

Cada cliente tem a sua história. Mas o final é sempre o esperado.

Se gostaria de saber mais sobre o banco de referência em serviços de Wealth Management, fale connosco. Somos um livro aberto.



**BANCO CARREGOSA**  
1833

www.bancocarregosa.com | info@bancocarregosa.com